



AVENÇADO

Redacção, Administração e Composição—Rua Barjona de Freitas, n.º 26—28 Tel. 8310—Barcellos

SEMANARIO REGIONALISTA POR PORTUGAL! — POR BARCELLOS!

Impressão—Companhia Editora do Minho Rua D. Antonio Barroso—BARCELLOS

Trimestre, 10\$—Semestre, 20\$—Ano 35\$
ASSINA- Estrangeiro (excepto o Brasil) 60\$
TURAS: Africa e Açores 40\$
(Pagamento adiantado)

Adm., Prop. e Director: Rogerio Calás de Carvalho
Editor: José Lucindo Cardoso de Carvalho

Numero avulso—1 escudo

Os Snrs. Assinantes gozam o desconto de 20%
ESTE N.º FOI VISADO PELA CENSURA

SABADO, 17 DE NOVEMBRO DE 1956

DESHUMANIDADE

E' dominado de grande tristeza e forte comoção que me abalço a escrever duas linhas sobre essa grande tragédia em ceifar vidas a esmo, sem piedade, sem amor, sem caridade, e com toda a deshumanidade, não se poupando vidas de crianças e velhos, e sobretudo atentando-se contra esses nossos irmãos que gemem quase moribundos em Hospitais de sangue. E' palpavel a nossos olhos até onde chega a maldade, a ferocidade da Russia.

Seria longo, para um pequeno artigo como este, enumerar os actos deshumanos praticados pelos Russos exibidos na escola do ódio e da perversão.

Nunca, em caso algum, houve povo que sofresse qualquer coisa que se assemelhe ás torturas físicas e morais porque estão passando esses heroicos combatentes em defesa da sua querida Pátria, os Hungaros. A pena conduziu-me a este assunto, tão doloroso para o resto da humanidade, recordando-me tambem esses milhares de olhos marejados por essa inofensiva Hungria, suggestionado pelas noticias vindas a flumimamente em quase toda

Se dentro do peito desses tiranetes epiléticos existisse uma parcela de humanitarismo, ha muito que teriam cessado esses sanguinários combates que abatem impiedadamente tantos inocentes. Apesar disso os Hungaros não desarmam, pois são patriotas e acima de tudo, ainda mesmo á custa da propria morte, defendem a sua Pátria. Não ha memoria que uma juventude oprimida tenha sido tão corajosa e decidida na luta em defesa da sua querida Pátria. E' certo que se está a desenvolver uma grande massa de adeptos em favor da Hungria, para a socorrer com tudo que seja possivel. São louvaveis todos esses actos quer civis quer religiosos a favor dos Hungaros, merecendo especial menção as briosas academias universitárias, liceais e escolares. E tambem está a tomar incremento as preces e procissões de penitencia ordenadas e já realizadas por alguns Prelados a impetrar do Altíssimo que interceda pela Paz a favor do povo Hungaro. Tudo isto é muito louvavel e de grande merecimento, mas é preciso que quem possa intervir militarmente no caso o faça sem delongas, pois sendo destruida a Hungria, com a morte do seu ultimo filho, já nada é preciso. Estão a lutar até ao ultimo homem sobrevivente e portanto acudam-lhes enquanto é tempo. Deixar os queixumes e louvar a abnegação hungara no fim de tudo, nada aproveita.

E' ás nações unidas que compete dar o passo á frente e se compenentrem de que algo lhe compete fazer. Não sou militar, mas julgo que é assim mesmo. Diariamente esses nossos irmãos clamam que os auxilie e portanto é porque ha quem o possa fazer. Porque esperam? Enquanto á parte alimentar e medicinal já levantou voz, e com grande apoio, a Cáritas Austriaca que em boa hora apelou para as suas congéneres, e todas numa só voz deram pronta e eficaz adesão. Em séquito á Cáritas Austriaca vem o Governo de Portugal dar a nota marcante que tanto o nobilita, pondo ao dispor dos famintos e desmantelados

ASSOCIAÇÃO HUMANITARIA DOS DADORES DE SANGUE DE BARCELLOS

BOLETIM EXTRAORDINÁRIO

Ante o pedido de sangue para os feridos da Hungria, feito pela CARITAS e radiodifundido pela Emissora Nacional, imediatamente alguns dadores manifestaram o desejo de que esta Associação correspondesse a tal apelo.

Aberta a inscrição, a que acorreram voluntários de todas as classes sociais, teve de ser encerrada pouco depois, visto os recursos financeiros da Associação não permitirem recolher tanto sangue quanto o que se oferecia. Mesmo resumida a 33 frascos, a modesta contribuição que demos representa uma despesa de alguns milhares de escudos, e a verdade é que as disponibilidades monetárias da Associação não acompanham, nem de longe, as ofertas de sangue.

Inscreeveram-se como dadores ocasionais para este socorro:

Arquitecto Gaspar de Sousa Coutinho, João Augusto Vieira Duarte, Dr. Manuel Alberto Rodrigues de Faria, D. Lígia de Magalhães Queirós, D. Emilia da Silva Monteiro, D. Margarida Pacheco Quinta, 12 Religiosas Francisc. Missionarias de Maria (Arcozelo), 3 Religiosas Franciscanas Hospitaleiras (Hospital da Misericórdia), 1 Franciscano Capuchinho, Carlos Gomes Durães, Agostinho Vale, Alberto de Macedo Faria Gayo, António Amorim Paula, Augusto José Fernandes de Sousa, Aníbal Gomes de Magalhães, António Augusto Vieira Correia, Francisco da Costa Viana, Fernando Fernandes Rente, Manuel Fernandes Rente, António da Costa, Alberto Maria de Sousa Pinto Martins, José Martins de Araújo, José Henrique da Silva Correia, Augusto de Sousa Machado, António Fernandes, Carlos Alberto Sendim Rodrigues, Manuel de Lima Miranda (P. S. P.), João de Magalhães Barros (P. S. P.), António Dias da Silva, Manuel Pires, António Pereira da Silva, Adelino Augusto de Sousa Andrade, Teotónio Lemos da Silva, Francisco Gonçalves da Silva, José Alves Vicência, Filipe Jorge Gomes e Américo Neiva Pereira.

A Associação deseja patentear o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas e entidades que lhe deram a sua valiosa colaboração na execução desta tarefa e, sem demérito para ninguém, deseja salientar neste agradecimento: Emissora Nacional (Regional do Norte), Tipografia Vitória, Papelaria Lis, Correia & Cardoso, Dr. Rui Róancon (Porto) e Transportes Aéreos Portugueses e seus empregados no Porto e Pedras Rubras.

A Associação julga ter cumprido, sob o ponto de vista técnico e humanitário, o que lhe competia fazer para dar seguimento á sugestão dos seus dadores. Mas declara que o seu trabalho foi grandemente facilitado pela dedicação de muitos particulares e pela gratuidade dos serviços daquelas Empresas.

Hungaros importante obulo. Praza a Deus que tenha quem o imite. Mas não ficou só por aqui, levou mais longe o seu benfazer abrindo as portas de Portugal para albergar 5.000 crianças húngaras. Bem sabemos que não vão ser recolhidas nos Ministérios, mas sim em casas ricas ou pobres, principalmente com filhos, pois sabem mais que ninguém quanto custa e é deploravel a falta dum pai e mãe que lhe proviam a sua congrua sustentação. Já ouvi na Rádio o primeiro apelo a pedir a comparencia dos que podem, e portanto cevem aceitar em suas casas crianças húngaras. Que as que nos forem destinadas encontrem rapidamente colocação, deve ser o anseio de todo o coração cristão e católico.

E isto só pelo que diz respeito á Hungria, pois mais ao longe vislumbram-se nuvens anunciadoras de grandes tempestades. A imprensa, por entre linhas e mesmo em pleno, parece querer prevenir duma guerra mundial. Praza a Deus que tal idea não tenha realidade.

A's vezes um grande incendio tem o seu inicio numa pequena faúlha.

Católicos portugueses, que esteja sempre patente a nossos ouvidos a voz do locutor da Rádio: A Hungria carece de viveres e medicamentos. Somos generosos, acudamos-lhes para ver se recuperando forças e saúde ainda vão prestar novamente auxilio em defesa da sua tão querida e amada Hungria.

P.º F. Castilho

**TIPO-
GRA-
FIA**
GIL VICENTE

EM BREVE, AO SERVIÇO DE V. EX.ª

POESIA — Prémio Nobel.

(a propósito da distincção conferida ao grande lírico espanhol Juan Ramón Gimenez)

*Cinge a fronte sagaz da hispanidade
O Prémio Nobel da Literatura,
E logo num Poeta o Mundo há-de
Ver recaír tal honra e tal ventura!*

*Oh Poesia! Oh Deusa! Oh Formosura!
Nem tudo está perdido, é veleidade.
Soergue-se solene a compostura,
Volvem os Homens á realidade.*

*E que assim é o prova o gesto honrado
Dos intérpretes Nobel, distinguindo
Do mais puro lirismo um bom soldado!*

*Poetas! Divinos! O Mundo está sentindo
Que a Vida é o próprio Verso musicado,
Dos acordes do Belo ressurgindo.*

Lx.—Nov.—1956.

A. Marques de Azevedo

Biografia dos grandes COMPOSITORES MUSICAIS «WAGNER»

Ricardo Wagner nasceu na cidade de Leipzig, a 22 de Maio de 1813.

Tendo ficado orfão aos 6 meses de idade, foi entregue á protecção de seu padrasto Leopoldo Geyer, que era actor, morrendo este, quando o pequeno Ricardo tinha apenas 7 anos.

Era dotado este prodígio de grande inclinação para a pintura, mas um dia tendo ouvido um concerto em que foram executadas obras de Beethove, das quais se destaca o Egmont e várias sinfonias, ficou de tal forma inspirado, que desde então resolveu compôr uma sonata, embora não percebesse nada de harmonia musical. Contudo, reconhecendo que por si seria incapaz de progredir, resolveu ter lições de vários professores de música, que notando no aluno méritos invulgares para a sua idade, o entusiasmaram igualmente a prosseguir nas suas já iniciadas composições.

Assim, no ano de 1843, levou á cena na linda cidade de Dresde, o Navio Fantasma, tendo-se ins-

pirado para compôr esta produção, numa viagem feita por mar, da qual foi aportar aos fiords da Noruega, quando marinheiros deste país, lhe contaram a lenda do Holandês Voador.

No ano de 1848, devido a uma revolução, foi levado a retirar-se

O PADRE AMÉRICO

Fui amigo do P.º Américo, tendo tido com ele longas conversas. Contou-me pormenorizadamente a sua vida que em alguns jornais veio relatada erradamente.

O P.º Américo frequentou até ao 3.º ano do Liceu o Colégio de Santa Quitéria de Felgueiras, que era dirigido pelos ilustres membros da Congregação dos Padres da Missão (Lazaristas). No fim do 3.º ano o Pai resolveu tirá-lo do Colégio para o enviar para a Africa a ganhar a vida.

O venerando P.º Borba que ensinava no referido Colégio disse ao P.º Américo que ele tinha vocação para ser padre e que mandasse dizer ao pai que o deixasse continuar no Colégio para estudar para padre que dali em diante não pagaria pensão alguma. O P.º Américo respondeu que obedeceria a seu pai indo para a Africa.

Partiu assim para Moçambique, desembarcando no Chinde, onde principiou a trabalhar numa casa inglesa.

Estava muito grato a um inglês que lhe ensinou, nessa casa, muito bem a sua lingua o que deu origem a que depois se empregasse em Lourenço Marques na casa Brenner e Wirt onde ganhava cinco contos por mês, ganhando mais um conto mensal, fazendo para o Banco Nacional Ultramarino a tradução dos documentos escritos em inglês.

Ao fim de alguns anos e tendo junto algumas centenas de contos resolveu vir a Portugal descansar. Ele tinha abandonado um tanto em Africa a prática religiosa. Durante a viagem passava

de Dresde, dirigindo-se a Zurich.

Casado com Minna Planner, Wagner separou-se desta, no ano de 1851, muito embora ela tivesse em horas bastante sombrias, sido a sua grande colaboradora. Então desposou uma das filhas de Liszt—Cosima Liszt.

Depois deslocou-se a Paris, onde representou o Tanhauser, mas devido á má vontade que lhe foi movida por determinado sector, foi necessária a intervenção pessoal do imperador.

Seguidamente dirigiu-se á Alemanha, Austria e Rússia, países onde deu numerosos concertos, tendo-lhe o Rei Luis II da Baviera, dado todas as facilidades, para prosseguir na realização do seu tão dourado sonho artistico.

(Continua) A. Freitas

DE MÃOS ERGULIDAS

(PELOS MÁRTIRES DA HUNGRIA)

*De Mãos erguldas vos peço
O doce Jesus;
Olhai com caridade
Os Mártires da Hungria,
Fazei que vença a luz
Para Além da Eternidade,
Exterminando a terrível tirania.*

*Afastai as intempéries
Que avassalam todo o Mundo;
Dai fim ao horrível sofrimento
Dos heróis sublimes
Da esfacelada Hungria,
Que tombam nesta hora
Dolorosa e exangue,
E todos unidos p'lo mesmo sentimento
(arauto só do Bem e da Verdade)
Possamos conseguir que nessas ruas
—Hoje um caudal de sangue—
Se oiça amanhã o grito triunfante:
Já podemos Viver! Já temos Liberdade!*

Lisboa—Novembro de 1956

Noémia Soares César Guerreiro

